

GONÇALO FERREIRA DA SILVA

de Gonçalo Ferreira da Silva

ADRIANO E LENIRA

de uma aproximação
de um casal de volutas pervertidas
e de princípios distantes
por um encontro amoroso



ADRIANO E LENIRA

Gonçalo Ferreira da Silva

Quando escutamos falar
de fatos acontecidos
dos tempos de reis perversos
e de príncipes destimidos
por estranha sensação
nos sentimos envolvidos.

E são estas as estórias
que o povo mais admira
como sonhos envolventes
ou como doce mentira
iguais esta que contamos
de Adriano e Lenira.

Adriano foi um príncipe
de curioso passado
pois veio ao mundo dos vivos
de um modo inusitado
pois foi do ventre materno
cruelmente retirado.

A crueldade do pai
contrastava com a ternura
da doce mãe de Adriano
uma santa criatura
sujeita aos golpes do rei
de alma perversa e dura.

A doce e meiga rainha
foi arrancada da vida
tendo sido sua morte
eternamente sentida
deixando no coração
do povo enorme ferida.

--- 2 ---

Adriano foi criado
com toda pompa real
desde a mais alta nobreza
ao mais simples servçal
revelando um coração
extremamente leal.

Os desmandos cometidos
pelo grande soberano
entresteciam demais
o espírito tão humano,
conciliador, fraterno
e nobre de Adriano.

Assim todo tratamento
que o jovem recebia,
o material conforto
que o rei lhe oferecia
não tinham valor diante
das injustiças que via.

Depois de presenciar
tanta injustiça na vida,
tanta crueldade torpe,
tanta ira desmedida
Adriano tomou uma
resolução suicida:

— Ouça, rei, pai e senhor
o que vou dizer-lhe agora,
solenemente lhe digo
nesta tão ditosa hora
que a pompa palaciana
já me cansou, vou embora,

— Filho ingrato e malfadado —
vocifereou o monarca —
meu poder não tem limite,
meu domínio a tudo abarca,
meu reino não tem fronteira
sou seu deus, seu patriarca.

Adriano percebeu
que os olhos do soberano
vomitavam cruéis chispas
do ódio mais desumano,
esfusiantes centelhas
de bruto furor tirano.

O rei saindo voltou
numa de hora fração
dizendo: — eu quero que leves
este pedaço de pão
e se for da tua vontade
o teu cão de estimação.

Pôs-se o moço a caminho
para fora do reinado
levando as mais ricas vestes,
do seu cão acompanhado
alheio à trama maldita
que o rei tinha forjado.

Pois Adriano esqueceu
 algo muito elementar
 num homem tão prepotente
 não se deve confiar
 ainda mais tendo um brilho
 homicida no olhar.

Minutos depois o jovem
 destimido viajava,
 para os irmãos camponeses
 fraternalmente acenava,
 já dos domínios do reino
 muito se distanciava.

As finas vestes de príncipe
 as conduzia guardadas
 e as usadas por ele
 eram as mesmas usadas
 pelos pobres camponeses
 apenas mais conservadas.

Meio dia em ponto, ele
 e seu cão de estimação
 estavam muito famintos
 e a alimentação
 que havia para os dois
 era o pedaço de pão.

Conquanto o pão estivesse
 recheado de conserva
 no matulão de Adriano
 não tinha qualquer reserva
 dali pra frente, somente
 frutas silvestres e erva.

O pai de Adriano deu
àquele incidente, termo
ou Adriano morrera
perdido naquele ermo
ou estaria, certamente,
miseravelmente enfermo.

À entrada de um caninho
à feição de labirinto
ao pegar no pão, levado
por seu inspirado instinto
deu todo só ao cachorro
por achá-lo mais faminto,

O cão com sofreguidão
comeu o naco atirado
mas assim que o engoliu
caiu no chão fulminado,
o pão que o rei deu ao filho
se achava envenenado.

Imensamente frustrado
com o seu pai traidor
Adriano quis tentar
um remédio salvador
mas o cão morreu sem tempo
sequer de sentir a dor.

Fitando penalizado
o animal inocente,
morto como se estivesse
dormindo placidamente
Adriano quis apenas
dá-lhe um enterro decente.

Adriano saiu triste
 por o pai o ter traído
 pois se o pão que o cão comeu
 ele tivesse comido
 tal como o cão morreu, era
 ele quem tinha morrido.

Depois de longa viagem
 que durava mais de um ano
 Adriano viu os muros
 do reino de um soberano;
 era ali que estava a chave
 do destino de Adriano.

Apresentôu-se no reino
 como pobre simples forasteiro,
 ninguém nem sequer pensava
 que fosse um príncipe estrangeiro;
 Adriano se empregou
 como simples jardineiro.

Os seus traços de nobreza,
 a maneira cordial,
 educação esmerada
 a elevada moral
 faziam-no admirado
 pela família real.

A educabilidade,
 o mais refinado trato
 deixavam até o rei
 às vezes estupefato
 sem saber ter com Adriano
 um comportamento exato.

Dentro de menos de um mês
a suprema majestade
faria uma festa que
pela grandiosidade
muitos príncipes estrangeiros
viriam à festividade.

As três filhas do monarca
eram solteiras ainda,
Rosalva era a mais velha,
a segunda era Lucinda
a terceira era Lenira
a mais nova e mais linda.

Durante a festa, as princesas
usando ricos vestidos,
entre os grandes convidados
no palácio reunidos
livremente escolheriam
os seus futuros maridos.

Cada princesa, uma péra
de ouro conduziria
e a um dos convidados
ela se dirigiria
o contemplado com a péra
com ela se casaria.

Rosalva como a mais velha
fez a escolha primeiro
dando a péra para o filho
de um monarca estrangeiro
havendo estrondosas palmas
dentro do palácio inteiro.

Galantemente Lucinda
 veio escolher seu amado
 dando a p<ê>ra para um príncipe
 ricamente engalanado;
 parabéns, palmas e vivas
 ouviu-se em todo o reinado.

Nessas alturas o povo
 conteve a respiração
 pois só faltava Lenira
 chegar dentro do salão
 e escolher quem seria
 dono do seu coração.

Foi um momento solene
 de viva expectativa,
 a escolha de Lenira
 seria a mais decisiva
 pois era a chave de ouro
 daquela data festiva.

Para provocar suspense
 no meio palaciano
 a princesa, erguendo a p<ê>ra
 disse para o soberano:
 - A p<ê>ra e meu coração
 são somente de Adriano.

Ante o espanto geral
 mandou que um cavalheiro
 trouxesse Adriano para
 mostrá-lo ao palácio inteiro
 depois, graciosamente,
 deu a p<ê>ra ao jardineiro.

O rei quando se desfez
da surpresa inicial,
vociferou: – Filha ingrata
és uma agente do mal
serás confinada para
longe da corte real.

Aí quis bater na filha
com seu arrogante porte
mas Adriano lhe disse:
– Se pensa que é tão forte
talvez que não tenha tempo
nem de lamentar a morte.

As palavras de Adriano
deixaram a multidão tensa
como se cada pessoa
tivesse a estranha crença
que se acaso respirasse
denunciava a presença.

Rompendo o tenso silêncio
disse Adriano: – Quem vai
embora daqui sou eu,
Lenira daqui não sai
uma vez que o lugar dela
é na protecção do pai.

Virando-se para o rei
disse Adriano com ira:
– Eu itei no lugar dela
que me ama, que me inspira
pois eu faço tudo em nome
do grande amor de Lenira.

Dizer isto saiu
como o peito em ardente chama;
deixou, cuidadosamente,
dobrado em cima da grama
bilhete escrito com a força
do coração de quem ama.

"Eu amor há muito tempo
que eu sou um sofredor
porém hoje eu tive um sonho
que me fez sorrir na dor
nele você me falava
suaves frases de amor.

Receba, minha querida
a mais sincera amizade
de quem dormindo sonhou
que o sonho fosse verdade
depois acordou sonhando
com tanta felicidade.

Pois você é para mim
a mais carinhosa e pura
a minha deusa encantada
toda feita de ternura,
um anjo vindo do céu
em forma de criatura.

O que sinto por você
não diz tudo uma canção,
razão da minha existência,
luz da minha inspiração,
estrela da minha vida,
calor do meu coração...

Não vou conseguir parar
de lhe amar nunca mais,
se você compreendesse
porque a amo demais
eu seria, certamente,
o mais feliz dos mortais.

Penso que a vejo sempre
debruçada na janela
depois converso com as flores
e quando beijo a mais bela
na delicada fragrância
sinto seu perfume nela.

Quando a noite cai, eu olho
as luzes do firmamento,
o brilho de cada estrela
cintila suave e lento
eternizando, querida
você no meu pensamento.

É para você, meu anjo
esta mensagem de amor
salpicada de ternura,
de sentimento e de dor,
eu a levarei comigo
pra toda parte que eu for."

Deixando o grande palácio
do rei pai de sua amada
dali a quase cem léguas
estabeleceu morada
em rica e linda mansão
por Adriano comprada.

Uma grande mão de ouro
na mansão foi construída
e nela a péra de ouro
por Adriano exibida
para ter lembrança eterna
do grande amor de sua vida.

- 12 -

Adriano desprezou
as roupas de jardineiro
usando outras de luxo
tal qual um príncipe estrangeiro
pois era o que ele era
de mais puro e verdadeiro.

Meses depois, não se sabe
porque furiosa ira
gerou tão tão grande rancor
que rei cruel se insurgira
contra o vizinho reinado
do velho pai de Lenira.

Cruel centelha de ódio
nos olhos do rei brilhou
e os maridos das filhas
com brevidade chamou
dando-lhes a missão de
matar quem o insultou.

O marido de Rosalva
que tinha o nome de Alan
reuniu-se ao de Lucinda
que se chamava Javan
e partiram furiosos
no começo da manhã.

Cem homens ou pouco menos
foram selecionados
por criteriosa escolha
como os mais credenciados
para que todos os planos
não resultassem frustrados.

Alan e Javan na frente
pelos restantes seguidos
galopavam furiosos
para guerra decididos
antegosando a vitória
mas foram surpreendidos.

O rei oponente tendo
maior número de soldados
os do rei pai de Lenira
ao se sentirem atacados
foram fragorosamente
pelos outros derrotados.

Seus oponentes formavam
grupos muito mais coesos
Alan e Javan se vendo
vencidos e endefesos
foram, com fúria assassina
amordaçados e presos.

O velho pai de Lenira
ao saber do resultado
que o grupo que mandou
tinha sido derrotado
além das lamentações
ficou muito amedrontado

A meditação do rei
tão pura e tão verdadeira,
mostrou ao velho monarca
talvez pela vez primeira
o quanto a vida do homem
nesta terra é passageira.

Sentindo-se impotente
pra formar novo esquadrão
que pudesse oferecer
ao seu rival reação
esperou resignado
a prometida invasão.

Enquanto o pai de Lénira
amarga o seu desengano
vamos à mansão distante
onde se encontra Adriano
que já colocava em prática
um providencial plano.

Sabendo que aquela guerra
ali desencadeada
era contra o reino do
velho pai de sua amada
considerou bom momento
pra dar um treino de espada.

Para o local do conflito
rumou no mesmo momento
lá encontrou os vencidos
todos mortos ao relento
e os emissários do rei
presos num acampamento.

Adriano grito: – Rei
já que foste o vencedor
vem mostrar no meio da praça
teu desmedido valor
num duelo, frente a frente
com este teu contendor.

. . . A vileza, a covardia
num rei eu não aprecio
portanto em nome da honra,
da dignidade e brio
olvide o perigo e venha
aceitar meu desafio.

O rei impressionado
com tamanha petulância,
com tanta provocação
com insolente arrogância
disse: – Por que tanta pressa
de morrer em plena infância?

Disse mais para Adriano:
– Já se cansou de viver?
está na flor da idade
para que pressa em morrer
mas se quer o suicídio
eu nada posso fazer.

Disse Adriano: – Senhor
não se julgue pelo porte
pois o forte muitas vezes
é premiado com a morte
tudo pela imprudência
de considerar-se forte.

Disse o rei: - como escolheu
como prefere morrer
pegue logo a sua espada
trate de se defender
pois não lhe resta mais tempo
sequer de se arrepender.

As pontas das duas espadas
se encontraram no ar
e ambos os lutadores
começaram se estudar,
a prudência aconselhava
estudo preliminar.

O rei achando a prudência
uma coisa secundária
a desprezou por achá-la
elementar e primária
não sabendo que em luta
é ela tão necessária.

Assim, partido agressivo
na hora do tudo ou nada
no escudo de Adriano
teve a espada quebrada
e o rapaz, em seu pescoço
botou a ponta da espada.

Na posição em que estava
ele não tinha saída
para ele a luta estava
considerada perdida,
quando Adriano quisesse
podia tirar-lhe a vida.

O rei então disse: – Filho
 és meu grande vencedor,
 quero fazer-lhe um pedido
 não me mate, por favor
 em troca dou-lhe a coroa
 será do reino senhor.

Adriano disse: – Eu quero
 que solte os dois cavalheiros
 que pelo senhor vencidos
 são os seus prisioneiros
 porque são, do meu senhor,
 dois dos melhores guerreiros.

O pedido de Adriano
 foi prontamente atendido
 Javan e Alan foram soltos
 e o rei agradecido
 perguntou se Adriano
 tinha mais algum pedido.

Adriano satisfeito
 disse aos rapazes: – Cuidado
 digam ao pai de Lenira
 para ficar descansado
 pois haverá, doravante,
 muita paz no seu reinado.

Porém enquanto o rapaz
 jantava com o soberano
 Javan e Alan no caminho
 fizeram sinistro plano
 se dizendo vencedores
 prejudicando Adriano.

O rei então disse: — Filho
és meu grande vencedor,
quero fazer-lhe um pedido
não me mate, por favor
em troca dou-lhe a coroa
será do reino senhor.

Adriano disse: — Eu quero
que solte os dois cavalheiros
que pelo senhor vencidos
são os seus prisioneiros
porque são, do meu senhor,
dois dos melhores guerreiros.

O pedido de Adriano
foi prontamente atendido
Javan e Alan foram soltos
e o rei agradecido
perguntou se Adriano
tinha mais algum pedido.

Adriano satisfeito
disse aos rapazes: — Cuidado
digam ao pai de Lenira
para ficar descansado
pois haverá, doravante,
muita paz no seu reinado.

Porém enquanto o rapaz
jantava com o soberano
Javan e Alan no caminho
fizeram sinistro plano
se dizendo vencedores
prejudicando Adriano.

Para tornar mais fantástico
o feito extraordinário
eles mandaram na frente
credenciado emissário
que faria para festa
da vitória o necessário.

Foi o reinado enfeitado
com tempestade de cores,
o salão palaciano
engalanado de flores
sem saber que estavam dando
festa para uns impostores.

Enquanto isto Adriano
na corte do rei vencido,
por todos admirado
e pelas damas servido
sem saber que pelos príncipes
estava sendo traído.

E Lenira solitária
trancada em seu aposento
lhe veio um sexto sentido
com ele o pressentimento,
pois achava muito estranho
aquele acontecimento.

Pois se Javan e Alan
tinham sido derrotados
ficando pelo rival
até mesmo escravizados
como houve, de repente
vitória dos seus cunhados?

Entrementes no palácio
há festa, bebida e dança
em honra aos grandes heróis
que ganharam a confiança
do rei, daí tanta pompa
na festa e tanta pujança.

E lá no outro reinado
onde se encontra Adriano
em dado momento, ele
disse: - Salvo algum engano
o pai da minha querida
foi alvo de sujo plano.

O rei vencido falou:
-- E você o que supõe
que esteja acontecendo
e o que você me propõe?
se quer que vá com você
vou se você se dispõe.

Disse Adriano: -- Senhor
nada de mais poderia,
quero apenas que o senhor
vá em minha companhia
pois lá talvez que esteja
havendo uma covardia.

O rei disse: - Para luta
não falta disposição
se quiser vamos à frente
de um grande batalhão
disposto até mesmo à guerra
se acaso houver precisão.

Preparando grande tropa
rigorosamente armada
puseram-se a caminho
sendo a tropa liderada
pelo rei e Adriano
naquela grande jornada.

Papadouplos era o nome
do monarca de valor
e o pai de Lenira era
o Nabucodonosor
o destino de Adriano:
reconquistar seu amor.

Quando a tropa de Adriano
foi lenta se aproximando
manifestações festivas
Papadouplos foi notando,
a festa aos dois impostores
ainda estava rolando.

Não entendeu Adriano
tamanha festividade
uma vez que se não fosse
a sua grande bondade
os príncipes sequer podiam
desfrutar de liberdade.

Ao mesmo tempo os que estavam
no descomunal salão
estranharam a chegada
da enorme multidão
que chegava decidida
na direção do portão.

Milhões de vozes, sussuros,
cochichos ao pé do ouvido
ouveu-se em todo o palácio
pelo fato acontecido
da chegada do exército
numeroso e atrevido.

Ouvindo o rumor de vozes
no salão palaciano
Lenira ergueu-se, tocada
por instinto soberano
e ela foi a primeira
que avistou Adriano.

E Adriano avistando
aquela doce figura
a beijou com tanto amor,
com tão suave ternura
como que eternizando
aquela amizade pura.

O longo beijo de amor
mesclado de ansiedade
pois ainda lhes faltava
o raiar da liberdade
que para os dois abriria
as portas da eternidade.

Desfazendo-se do abraço
Adriano disse: — Amor
agora eu quero falar
com Nabucodonosor
seu pai, um homem dotado
de fibra, força e valor.

Dizendo isto, sequer
pediu autorização
convidando Papadopoulos
ingressaram no salão
onde rei e impostores
trocavam apertos de mão.

E Nabucodonosor
vendo Adriano em sua frente
entre surpreso e raivoso
disse: - Cabra impertinente
merece uma surra para
não vir aqui novamente.

Adriano disse: - Rei
pode tentar me bater
porém com tal atitude
verá a Terra tremer,
o seu reinado cair,
muito covarde morrer.

Javan e Alan estavam
que nem podia falar,
tremendo visivelmente
nem saíram do lugar
como se fosse um perigo
simplesmente respirar.

Mas Nabucodonosor
respondeu muito arrogante:
- Esta festa comemora
uma conquista importante
destes jovens que alcançaram
uma vitória brilhante.

Papadouplos assistindo
aquela declaração
perguntou se Adriano
queria a intervenção
da imensa tropa armada
para acabar a questão.

Adriano pegou os
impostores com furor,
depois daquela Javan
não mais seria impostor
e Alan desprezaria
a vida de pecador.

E Papadouplos dizia
a Nabucodonosor
foi Adriano, de fato
o meu grande vencedor,
esta dupla de impostores
quis embaçar seu valor.

Nabucodnosor disse:
- Para que nossas raízes
morais sejam preservadas,
se é verdade o que dizes
mando imediatamente
à força estes infelizes.

Sem força moral alguma
para esboçar reação
e diante de olhares
da mais dura acusação
ouviu-se dos impostores
uma longa confissão.

— Nós não passamos de um
asqueroso resto humano,
fomos vencidos e presos
depois tivemos um plano
de arrancarmos os louros
da vitória de Adriano.

Os dois pediram clemência
contritos, ajoelhados,
no entanto dois carrascos
já estavam preparados
e foram, ao cair da tarde
sumariamente enforcados.

A festa, praticamente,
não teve interrupção
só que as palmas, agora
que batia a multidão
eram para Adriano
e Lenira, no salão.

Ao pedido de perdão
de Nabucodonosor
Adriano respondeu:

— Quero apenas que o senhor
em nome de Deus Eterno
abençoe o nosso amor.

O rei escutando aquele
fraterno e doce pedido
aproximou-se dos dois
e disse ao genro querido:
— Filho, abraça sua esposa,
filha, beije seu marido.

9242

**** VISITEM A EXPOSIÇÃO ****

LITERATURA VIVA

DO POETA

Gonçalo Ferreira da Silva



**NA FEIRA NORDESTINA DE SÃO
CRISTÓVÃO.**

**Um Milhão de Exemplares Vendidos
em Três Continentes**